

AGRADECIMENTO POSSE NA ACADEMIA

Difícil contestar o verso do Raul Seixas, “Eu nasci há dez mil anos atrás”, salvo nesta sua esdrúxula redundância.

Como duvidar das orações de meus pais, eu ainda embrião, feto, no ventre de Dona Basília que rogava pela minha saúde e meu bem-estar intrauterino? Era como se eles cuidadosa e diariamente, preparassem um meu testamento de humildade e despojamento. Seu Natanael Silva e Dona Basília, já pensavam no meu futuro.

O Raul Seixas tinha razão, eu já tinha vida antes mesmo de nascer para este mundo em 1949, curiosamente, por mãos estranhas de expertos e de uma legião de especialistas.

Era como se saísse de uma caverna, de uma masmorra, de uma câmara para um primeiro contato com a Terra. Foi uma prova de sobrevivência.

Neste novo ambiente, experimentei a sensação de liberdade, sob cuidados especiais de alguns irmãos terríveis; respirei Ar pela primeira vez: foi uma viagem inebriante.

Ainda atordoado com as circunstâncias, fui banhado em Água pura e cristalina; contato que me remeteu à densa placenta que me sustentou por muito tempo, na vida anterior.

Depois disso, ouvi barulhos como se outras pessoas estivessem em perigo e instintivamente, deu-me vontade de ajuda-las, no entanto, fiquei apenas na vontade.

De repente, não mais que de repente, lembrando Vinícius de Moraes, eu vi a Luz; estava como passe de mágica ou por capricho de minha memória, em Pojuca/BA, com cinco anos de idade.

Foi uma quadra importante de uma vida naquela cidade de interior, com seis mil habitantes à época; lá fui destaque, sem falsa modéstia, na escola primária, hoje, ensino fundamental; fiz os cinco anos em apenas quatro e fui orador da turma com pouco mais de nove anos de idade e detive, até então, o troféu de melhor aluno de todos os tempos da Escola Conselheiro Saraiva!

Lembro-me, também, que escrevia as crônicas para a “Hora do Ângelus” e eu mesmo as declamava em um dos serviços de alto-falantes de Pojuca.

Aprendi com o meu ídolo, pai e mestre Natanael o valor do trabalho duro, de desbastar pedra bruta para poder galgar degraus na vida; como exemplo, vendi vassoura e café moído na feira dos sábados. Com o dinheirinho apurado, comprei minha primeira calça comprida (eu era realmente um calça-curta).

Dentre as muitas instruções recebidas de meus pais e de outros mestres, aprendi a ter disciplina e ordem, em qualquer situação, para cultivar a amizade e usufruir a liberdade infantil da época.

Foi tão bom e tão cordial que os irmãos, colegas e amigos se confundiam e vivíamos em união!

Naquela época, não era permitido se fazer o tal de exame de admissão ao ginásio, com menos de 10 anos e seis meses, daí fiquei de forçadas férias por um ano, aguardando ordens do tempo, com uma agravante: Pojuca não tinha ginásio.

Ultrapassado essa fase e já em Salvador, passei nas provas do exame de admissão ao ginásio, e aprimei minha vida guiado por uma estrela flamejante, pondo-me, incondicionalmente de frente para um norte, representado pelos mestres e meus pais; tanto no Ginásio Luís Pinto de Carvalho como no Colégio da Bahia, dediquei-me ao estudo, ao trabalho; aprendi a traçar linhas, construir cubos; passei a usar o meu livre arbítrio, pois, já conhecia a Verdade (não aquela de Danny Coutinho, cantada pela Cassia Eller). Ainda fez parte dos meus estudos: graduação em engenharia na EPUFBA – Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia e posteriormente, especialização em engenharia de petróleo. Conheci o *bas fond* da sociedade, fiz muitos amigos, rejeitei as drogas, morei em favela, fui líder de bairro, namorei muito, casei-me. Neste período, se já tinha um certo nível intelectual e, realmente, encontrei um prumo naquela vida. Era a conjuminância do sentimento de igualdade com de retidão de conduta.

Depois de tanto estudo e de tanto trabalho, decidi seguir carreira solo, com uma nova família, desta feita, aqui em Aracaju; talvez, embalado pelo bom resultado na minha profissão-base, engenheiro da ciência do petróleo, querendo novas conquistas ou mesmo pela vaidade de viver a plenitude dos meus direitos, de pôr em prática a minha experiência adquirida anteriormente; nada em desacordo com o livro de Eclesiastes, atribuído a Salomão que nos diz: “Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.”. Ressalve-se que a vaidade é típica de quem trilha os caminhos das artes, da ciência, das letras (com sensibilidade, ética e compaixão). Foi nessa época, por brincadeira ou por pura vaidade, fiz um curso de Direito que me ajudou no sucesso da minha vida familiar, laboral e social.

Por este meu perfil, por esta minha história, um dia fui pinçado para integrar os quadros de uma sociedade justa e perfeita: a Maçonaria. Nela reciclei todas as minhas vidas, combati vários preconceitos e erros, venci muitas das minhas paixões e fiz alguns progressos na Instituição. Sou muito agradecido ao Irmão Anderson Silva Santos, hoje adormecido, pelo convite e pelo apoio que me deu para iniciar-me maçom.

Durante meus quase 30 anos de vida maçônica, procurei seguir o Albert Schweitzer, teólogo, músico, filósofo e médico alemão: “O exemplo não é a melhor forma de educar, é a única.”; conhecendo-me, assim, o acadêmico José Garcez de Góes, titular da cadeira de nº 12 deste sodalício, cujo patrono é Evangelino José do Faro, indicou-me e a assembleia geral aprovou-me para ocupar a cadeira Sálvio d’Oliveira. Sinto-me deveras agradecido por galgar mais um degrau de uma das escadas filosóficas, pedindo forças ao GADU para abraçar o poeta Mário Quintana na sua obra Das Utopias:

“Não desças os degraus do sonho
Para não despertar os monstros.
Não subas aos sótãos – onde
Os deuses, por trás das suas máscaras,
Ocultam o próprio enigma.”.

Farei de tudo para honrar esta Academia, a minha academia, congregação de briosos formadores de intelectuais da maçonaria sergipana, quer seja no campo das Artes, Ciências ou Letras, sempre, em benefício e na promoção do bem-estar da sociedade.

Viajei Casimiro de Abreu:

“Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
Pés descalços, braços nus...”

E desembarco Cleiber Vieira Silva:

“Que a mediocridade não encontre espaço para se aninhar entre nós. E que não nos esqueçamos de que ela é principalmente de Artes, Ciências e Letras”.

Obrigado!

Aracaju, 30 de novembro de 2017.



NATANAEL FERNANDES DE SOUZA .: